



O BULLYING E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Luciana de Souza Lorenzoni¹, Bárbara de Cássia Ribeiro Vieira¹, Marcela Brite Alfaiate¹, Talita Miranda Teixeira Xavier², Sâmia D'Angelo Alcuri Gobbo³

¹ Graduandas em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Campus de Alegre, Rua Principal, s/n, Distrito de Rive – 29500-000, Alegre – ES. (lucianaloren27@gmail.com)

² Doutoranda em Produção Vegetal pela Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Agrárias, Alto universitário, s/n, Guararema, Alegre – ES, 29500-000.

³ Doutoranda, professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Campus de Alegre, Rua Principal, s/n, Alegre – ES, Distrito de Rive, 29500-000.

Recebido em: 06/10/2012 – Aprovado em: 15/11/2012 – Publicado em: 30/11/2012

RESUMO

O *bullying* ocorre em todas as partes do mundo, sendo identificado em maior proporção no âmbito escolar, podendo acarretar sérios prejuízos ao corpo discente. Esse trabalho buscou averiguar se a vitimização pelo *bullying* ocorre em maior proporção entre alunos do gênero masculino ou feminino, as diferentes formas de defesa e as consequências resultantes do mesmo entre os alunos da quinta série do ensino fundamental. Utilizou-se como ferramenta para obtenção dos resultados uma entrevista semi-estruturada aplicada a 45 alunos. Os dados apontam que o fenômeno *bullying* ocorre em maior proporção entre os meninos, os apelidos constrangedores é a forma mais frequente entre os discentes e a sala de aula é o local com maior número de ocorrência do fenômeno. Muitas vezes é considerado brincadeira, por isso torna-se freqüente. Os resultados comprovam que este fenômeno é perturbador e possibilita prejuízos no processo ensino aprendizagem, merecendo maiores estudos por parte da escola e pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, socialização, aluno

THE BULLYING AND THEIR IMPLICATIONS IN THE SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT

Bullying occurs in all parts of the world, being identified in higher proportion in the school environment, which can cause serious harm to the student body. This study sought to investigate whether the victimization by bullying occurs in greater proportion between male or female students and the consequences of even among the students of the fifth grade of elementary education. It was used as a tool to obtain the results a semi-structured interviews with 45 students. The data indicate that the phenomenon bullying occurs in higher proportion between boys,

the use of embarrassing nicknames is the most frequent form between the students, and the classroom is the place with the highest number of occurrence of the phenomenon. It is often considered a joke, therefore becomes frequent. The results confirm that this phenomenon is disturbing and allows damages in the learning process, deserving further studies by the school and the researchers.

KEYWORDS: education, socialization, student

INTRODUÇÃO

A expressão *bullying* foi primeiramente utilizada por DAN OLWEUS, professor da Universidade de Bergen na Noruega, o qual iniciava investigações em escolas na década de 70 sobre os problemas entre vítimas e seus agressores, relatando ataques sistemáticos de crianças “mais fortes” contra crianças “mais fracas” (BANDEIRA, 2009). As pesquisas referentes ao fenômeno são recentes e ganharam destaque a partir dos anos 90. No Brasil, os primeiros trabalhos surgiram a partir do ano 2000, sendo desta forma, atuais nacionalmente (LISBOA, 2005).

Na língua portuguesa ainda não há uma tradução consensual para o termo, uma vez que, PEREIRA (2008), defende que seria fundamental uma denominação que englobasse os atributos de personalidade do sujeito associado ao incidente agressivo, bem como as características que os comportamentos desses sujeitos assumem.

Resultados do Relatório Internacional da Saúde Mundial (CRAIG & HAREL, 2004), descrevem o *bullying* como um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola. Nesse contexto estudos referentes a esta forma de violência, relatam que a mesma é uma questão social que transcende cultura, idade e gênero (SANSONE & SANSONE, 2008).

Trata-se de situações onde um ou mais indivíduos decidem agredir injustamente outro (s) colega (s), submetendo-o (s) a uma ou múltiplas formas de agressão, quer verbal, física ou de cariz psicológico pressionando o indivíduo (FERRAZ, 2008).

Quanto à frequência e tipos de *bullying*, BERGER (2007) afirma a existência de grandes variações entre nações, regiões e escolas destas regiões, onde a cultura pode ser o fator que possivelmente sustenta tais variações. Uma segunda possibilidade seria a questão das crianças se comportarem similarmente ao redor do mundo, porém a linguagem encobre o que há de comum entre elas, onde a conotação e o significado da palavra *bullying* varia amplamente pelo mundo.

A escola, nesse contexto, desempenha um importante papel no desenvolvimento social de crianças e adolescentes, constituindo-se de um local de aprendizagem e convivência (CANTINI, 2004), socializando indivíduos (LISBOA & KOLLER, 2004). A instituição proporciona a experiência de convívios com as diferenças, vivências de igualdade, relações de hierarquia, que dentre outras, influenciarão na formação das pessoas (CANTINI, 2004). De acordo com LISBOA (2005), as interações ocorridas no contexto escolar são caracterizadas por forte atividade social, onde neste ambiente as crianças e adolescentes possuem a oportunidade de expandirem suas habilidades sociais. Juntamente com características de sua personalidade, estas contribuem para determinar a

forma como o indivíduo se relaciona sendo treinado para conviver em sociedade (CANTINI, 2004).

Além destas, o ambiente escolar é cenário de diversos processos grupais, dentre eles a violência escolar (LOPES, 2005). Tal questão é um problema gerador de graves consequências sociais, onde uma das principais formas de manifestação é o *bullying* (BINSFELD & LISBOA, 2010).

Conforme SOUZA & ALMEIDA (2011), diversos pesquisadores atentam e apontam aspectos preocupantes referentes a tal fenômeno, principalmente relacionados ao seu crescimento e ao fato deste atingir diretamente os primeiros anos de escolarização. Segundo estes autores estimam-se que em torno de 5% a 35% das crianças em idade escolar encontram-se, de alguma forma, envolvidas em questões de agressividade no âmbito escolar atuando como agressores ou vítimas.

O *bullying* escolar, ou violência entre pares, apresenta diferentes critérios que permitem sua distinção, como: assumir um caráter repetitivo, tratar-se de uma conduta agressiva intencional e existência de desigualdade de poder entre os alunos envolvidos (FONTAINE & RÉVEILLÈRE, 2004). Este fenômeno é classificado sob diferentes formas, incluindo a física, a verbal, a eletrônica e a relacional (BERGER, 2007).

O tipo físico envolve socos, chutes, empurrões, pontapés, bem como roubo de material e lanche, onde conforme a idade aumenta torna-se normal à diminuição desta forma de ataque. A forma verbal inclui práticas que insultam e atribuem apelidos humilhantes e/ou vergonhosos (ROLIM, 2008).

Quanto ao tipo relacional, BERGER (2007) diz que este afeta o relacionamento social dos colegas com a vítima. Ocorre quando um indivíduo ignora a tentativa de aproximação de um colega. Ainda este autor diz que, já a agressão eletrônica, ou *cyberbullying*, decorre de e-mail, salas de bate-papo, mensagens eletrônicas, web site ou imagens e mensagem digitais enviadas pelo celular.

Segundo BERGER (2007), a grande parte dos alunos não envolve-se diretamente em atos de *bullying* por medo de serem a próxima vítima do agressor, por não acreditar em atitudes da instituição e principalmente por não saberem como agir. O agressor é considerado como aquela criança que age de forma agressiva contra outro indivíduo supostamente mais fraco, com o intuito de machucar e/ou prejudicar sem ter havido provocação por parte da vítima. Este frequentemente vê como qualidade sua agressividade, tendo opiniões positivas sobre si mesmo sendo normalmente bem aceito por seus colegas. Isso gera satisfação e prazer em dominar, controlar e causar prejuízos aos outros, onde geralmente é mais forte que seu alvo (LOPES NETO, 2005).

Os agressores consolidam seu papel ao longo da vida, podendo desenvolver sentimentos de vergonha e culpa pelos atos inadequados, exclusão ou isolamento social (CANTINI, 2004). Entretanto, pesquisas realizadas no Brasil demonstraram que os agressores não são necessariamente crianças populares (LISBOA & KOLLER, 2004), mas agem agressivamente para se firmarem como líderes perante os colegas.

Conforme ROLIM (2008) sustenta-se que o tipo de agressão utilizada através desta violência faz com que as vítimas sejam alvos que não conseguem se defender eficazmente. Para MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI (2007), a vítima refere-se à criança repetidamente exposta a agressões de outros indivíduos que

intencionalmente as machucam (BERGER, 2007), podendo sofrer de forma direta - apelidos, ameaças, ofensas, entre outros, ou indireta - indiferença, difamação, exclusão, entre outros (LOPES NETO, 2005). Em geral, estas crianças vitimizadas apresentam comportamento social inibido, submisso ou passivo.

Os alvos costumam sentir medo, vergonha, vulnerabilidade e autoestima cada vez mais baixa, aumentando desta forma a probabilidade de vitimização continuada. As vítimas apresentam dor epigástrica, dores nas extremidades, vômitos, desmaios, queixas visuais, paralisias, anorexia, bulimia, hiperventilação, síndrome do intestino irritável, tentativa de suicídio, isolamento, agressividade, irritabilidade, perda de memória, relatos de medo, pânico, depressão, resistência à escola, mau rendimento escolar, atos deliberados de autoagressão, histeria, ansiedade, três vezes mais chances de sofrerem de dores abdominais e de cabeça, até cinco vezes mais chances de obterem enurese noturna quando comparadas com crianças que não são vítimas (ROLIM, 2008).

As vítimas, normalmente, não estão em posição de procurar auxílio ou se defender calando-se na maioria das vezes por medo de se expor perante os outros (PEREIRA, 2002). Ressalta LOPES NETO (2005), que a redução da prevalência de tal fenômeno nas escolas pode ser uma medida de saúde pública para o século XXI.

De acordo com RAMÍREZ (2001), distinguem-se quatro grupos principais, de fatores na manutenção e desenvolvimento do *bullying*: fatores biológicos, da personalidade, cognitivos e ambientais. O fator biológico assenta numa predisposição biológica à agressividade, onde o sexo masculino apresenta maior incidência de agressividade em todas as culturas. Já o fator inerente à personalidade, aponta que os agressores demonstram despreocupação com suas vítimas, havendo um prazer notório de os ridicularizar e enganar, existindo sentimento de crueldade e clara insensibilidade. O fator cognitivo ressalta a incapacidade de resposta a situações não agressivas. Os agressores tornam-se agressivos, devido um desajuste baseado na codificação da informação enviesada que condicionam a elaboração de respostas alternativas. Estas ausências de respostas expressam-se na dificuldade de ação perante problemas interpessoais. Já o fator ambiental, descreve-se a influência familiar no comportamento do indivíduo, onde um modelo de conduta antissocial no seio familiar acarreta efeitos negativos. A violência familiar molda os comportamentos de *bullying*.

O desenvolvimento de pesquisas de gêneros mostra que meninas e meninos diferenciam-se na apresentação de problemas (BANDEIRA, 2009), sendo este importante fonte de variabilidade no comportamento infantil (BELL et al, 2005). Há a necessidade de investigar como as variáveis biológicas, as experiências de socialização e o contexto sociocultural interagem com o passar do tempo produzindo diferentes modelos de ajustamento para meninos e meninas (BANDEIRA & HUTZ, 2010).

Para análise da diferença entre gêneros, devem ser consideradas características biológicas, culturais e os valores, uma vez que meninos e meninas são tratados de formas diferentes na maioria das culturas (RUBLE & MARTINS, 1998). Culturalmente espera-se que os meninos sejam fortes, apresentem temperamento difícil e usem de agressividade para alcançar seus objetivos. Já as meninas, esperam-se que estas sejam fracas, delicadas, dóceis, passivas, obedientes e mais sensíveis (LISBOA, 2005). Nessa perspectiva, as crianças

aprendem padrões culturais e comportamentos típicos ao sexo através dos modelos com os quais convivem. Desta forma, as influências sócio-históricoculturais relacionam-se à aprendizagem vicária, onde meninos e meninas manifestam-se de formas distintas quanto ao *bullying*, sendo que as meninas utilizam de modos mais sutis, porém, não menos prejudiciais.

Por longo tempo, segundo BERGER (2007), os pesquisadores de *bullying* empenharam-se em estudar apenas os meninos, considerando que este fenômeno ocorria em maior proporção no sexo masculino. Mais atualmente, reconheceram-no como um problema também das meninas.

A forma como esta violência apresenta-se nas meninas é geralmente despercebida, como se elas não fossem suspeitas como os meninos, reforça LISBOA (2005), que identifica que os meninos são classificados por seus colegas como agressores com frequência maior do que as meninas.

Segundo LIANG *et al* (2007), a agressão e a vitimização são de ocorrência comum entre os meninos. Conforme GINI & POZZOLI (2006), a diferença entre meninos e meninas está no tipo de agressão utilizada. Algumas pesquisas indicam diferenças entre os sexos em relação ao fenômeno, visto que os meninos são comumente identificados como agressores e as meninas como vítimas. As meninas geralmente expressam em relação à vítima atitudes mais positivas, sendo mais empáticas e dando mais suporte que os meninos. Afirmam ainda, que as características tidas como traços de personalidades femininas são a amizade, a cordialidade, o altruísmo e a sensibilidade. Já os traços masculinos relatam tendência ao risco, independência, autoafirmação, agressividade e dominação social.

Os meninos tendem a utilizar a agressão física como socos, chutes e empurrões. Já as meninas expressam-se através de agressões verbais, insultos, fofoca e mentiras. Os meninos afirmam que são mais agredidos por outros meninos e as meninas relatam ser mais agredidas por outras meninas (BANDEIRA, 2009). Para LISBOA (2005), as relações diádicas e íntimas são mais importantes para as meninas, sendo permitido socialmente à estas, manter relações próximas relacionadas a amizade com um par do mesmo sexo. Já os meninos são vulneráveis a preconceitos quanto às mesmas relações, tornando-se vítimas.

O *bullying* apresenta consequências negativas imediatas e implicações à longo prazo, gerando problemas acadêmicos, sociais e afetivos, estes ligados diretamente quanto à frequência, severidade e duração de tais atos (LOPES NETO, 2005). Tal violência prejudica a todos os envolvidos, particularmente as vítimas, de forma que estas podem continuar a sofrer com a situação além do ambiente escolar (FANTE, 2005). Em geral, as vítimas do fenômeno apresentam baixa autoestima, ficam amedrontadas, podendo apresentar baixo rendimento escolar, déficit de concentração e aprendizagem (BINSFELD & LISBOA, 2010). Conforme OLWEUS (1993), as vítimas do *bullying* desenvolvem pânico, medo, distúrbios psicossomáticos e depressão. Estes resistem a frequentar a escola, podendo desenvolver fobia social e escolar levando a evasão. Podem isolar-se chegando ao ponto de cometerem suicídio.

Os agressores apresentam grande probabilidade de virem a adotar, na vida adulta, comportamentos violentos e antissociais, podendo apresentar atitudes criminosas e/ou delinquentes (LOPES NETO & SAAVEDRA, 2003). Para LOPES NETO (2005), os agressores futuramente poderão adotar medidas agressivas no

ambiente familiar e de trabalho, dificultando sua inserção social e impulsividade, estando mais propícios ao uso de drogas, ao não respeito a leis, porte ilegal de armas e furtos.

Apesar de tais aspectos, iniciativas de pesquisas e prevenção deste fenômeno nas escolas podem ser consideradas recentes. Quando bem aplicadas, medidas adotadas pela escola para o controle do *bullying*, irão contribuir de forma positiva para formação de uma cultura não-violenta na sociedade (OBSERVATÓRIO DA INFÂNCIA, 2012).

Nesse contexto o *bullying* foi escolhido como tema para esta pesquisa devido sua incontestável relevância, onde esta, quando pertinentes ao campo da educação, torna-se preocupante podendo acarretar em sérios prejuízos na vida acadêmica. O presente trabalho teve então como objetivo averiguar se a vitimização pelo *bullying* ocorrem em maior proporção entre alunos do gênero masculino ou feminino, as diferentes formas de defesa e as consequências resultantes do mesmo entre os alunos da quinta série do ensino fundamental.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede Estadual do Espírito Santo, localizada no Município de Alegre, situada ao Sul do Estado, a 198 km da capital Vitória. O município contém 30.768 mil habitantes, conforme contagem de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Na área da educação, o município possui 25 escolas, entre o ensino infantil, fundamental, médio e profissionalizante, incluindo distritos, segundo a Secretaria de Educação de Alegre-ES.

A pesquisa de campo foi realizada no mês de agosto do ano de 2012. Para a escolha da escola seguiu-se o critério: ser pública, atender diferentes classes sociais e estar localizada dentro do município de Alegre/ES. Observados estes critérios, escolheu-se uma escola estadual que está localizada próxima a bairros de classe média, médio-baixa e baixa; sendo que o município oferece transporte escolar para alunos da área rural, deste modo, a escola foco desta pesquisa, recebe também alunos oriundos da zona rural.

A pesquisa de campo está enquadrada como pesquisa por amostragem, cujo objetivo não é descrever os indivíduos que tenham sido contemplados na amostra, mas obter um perfil estatístico da população estudada (FLORES JÚNIOR, 1980).

Inicialmente, procedeu-se uma visita à escola para apresentação da pesquisa e dos procedimentos metodológicos. Foram cumpridos todos os procedimentos éticos que envolvem pesquisa com seres humanos. Todo processo contou com a colaboração do corpo técnico e docente da escola pesquisada, bem como com os representantes dos pais dos alunos inseridos nesta pesquisa. Tais procedimentos foram validados por meio de documentos escritos.

Optou-se pela amostra intencional, que trabalha com um pequeno número de pessoas escolhidas intencionalmente, em função da relevância que apresentam em relação a um determinado assunto (THIOLLENT, 1988). Nesta pesquisa, a amostra foi constituída intencionalmente por alunos da 5ª série, por estarem entre a faixa etária de 10 a 13 anos. Totalizaram-se 45 respondentes, equivalendo 80% dos alunos inseridos na faixa etária estudada.

As pesquisas de FANTE (2005) e SMITH (2002) apontam que o *bullying* ocorre em maior proporção entre a faixa etária de 10 a 14 anos. A percepção da definição entre vítimas e agressor nos protagonistas do *bullying* torna-se mais clara aos 12 anos para ambos os papéis, motivo este que contribuiu para a decisão de realizar a pesquisa na 5ª série, fase em que os alunos matriculados correspondem à idade indicada como de maior ocorrência do fenômeno.

Para obtenção das informações optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas com questões abertas e fechadas. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva. Utilizou-se a distribuição de frequências referente às variáveis da entrevista, calculando-se a frequência relativa dos dados percentuais, que proporciona melhor entendimento do fenômeno estudado.

De acordo com FREITAS *et al* citado por PINSONNEAULT & KRAEMER, (1993), este método pode ser descrito como a obtenção de informações ou de dados sobre ações, características ou opiniões de determinado grupo de pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a análise das respostas dos questionários verificou-se que 60,7% dos meninos são vítimas de *bullying* no âmbito escolar e as meninas correspondem a 58,8%, enquanto 39,3% dos meninos e 41,2% das meninas disseram nunca ter sido vítimas de *bullying*. Algumas pesquisas, no entanto, como BANDEIRA (2009), apontam que as meninas identificam-se mais como vítimas. Muitos são os fatores responsáveis a este, como a aparência física, obesidade. Os meninos, por sua vez, apresentam uma maior frequência de envolvimento com o *bullying*, seja como vítimas, seja como agressores (LOPES NETO, 2005; LIANG, *et al*, 2007; FARRINGTON, 1993; NANSEL *et al.*, 2003; OLWEUS, 1994; SPRIGGS *et al.*, 2007). As diferenças entre os gêneros, quanto a expressão da agressividade encontram-se presentes desde a fase infantil (BANDEIRA, 2009). LISBOA *et al* (2002) apontam que os meninos são mais agressivos que as meninas, bem como, envolvem-se com maior frequência em conflitos que envolvem a força física.

Dentre as vítimas de *bullying*, 23,5% dos meninos relataram ter sofrido *bullying* de várias formas, ou seja, hora por apelidos hora por agressões verbais ou outros, 35,3% responderam ter sido chamados por apelidos constrangedores, 11,8% disseram ter sofrido agressão verbal, 23,5% relataram ter sofrido agressão física e 5,9% marcaram a opção de terem sido excluídos de brincadeiras entre colegas. Nenhum aluno respondeu ter sido humilhado frente a outros alunos.

Em se tratando das meninas que disseram ser vítimas, estas sofreram com este fenômeno de várias formas: agressão física (10%), exclusão entre alunos (10%), 30% relataram ter sofrido com o fenômeno de várias formas, 40% responderam ter sido chamadas por apelidos entre alunos e 10% relataram terem sido humilhadas entre colegas da escola.

Conforme LISBOA (2005) o comportamento pode ser considerado como uma questão proveniente da interação entre a pessoa e seu ambiente social, físico e cultural influenciando sua interação com a sociedade. O autor FRANCISCO (2009) em um estudo sobre as várias formas de agressões utilizadas pelo agressor constatou que ameaça física é o mais ocorrente entre alunos das 5^{as} séries de escolas localizadas na região central e periférica, contudo, insultos e provocações destacam-se entre os alunos das 8^{as} séries. Para

LISBOA *et al* (2002), mesmo as meninas sendo consideradas menos agressivas, estas apresentam uma tendência a manifestar-se indiretamente através da hostilidade verbal.

Com relação a área da escola em que ocorreu a vitimização pelo *bullying* entre meninos, 11,8% disseram ocorreu durante a saída do colégio em que estudam, 29,4% dentro da sala de aula, 17,6% no pátio da escola, principalmente durante o intervalo, 5,9% na área do refeitório, 5,9% na quadra durante a aula de educação física e 29,4% em várias áreas da escola.

Em relação às meninas, 10% delas responderam ter sofrido *bullying* no pátio da escola, 70% dentro da sala de aula durante as aulas, 10% durante a saída delas do colégio e 10% várias partes da escola. Nenhuma aluna respondeu ter sofrido com o referente fenômeno no refeitório e na quadra que é utilizada para ministrar aula de educação física. Diferentemente, FRANCISCO (2009), PEREIRA (2002) e OLWEUS (1993) ao analisarem os locais nos quais os alunos mais sofreram maus tratos, observou que nas 5^{as} séries tanto das escolas localizadas na região central quanto periférica, predominaram as respostas dos que apontaram o recreio como lugar ideal para os agressores fazerem as suas vítimas. Corroborando com o presente trabalho, AMARAL NETO (2005) constatou em sua pesquisa com alunos de 1^a a 8^a série que a vitimização do *bullying* possui maior ocorrência dentro da sala de aula.

O comportamento das vítimas frente ao *bullying* variou, onde os meninos responderam, em maior proporção, que não deram atenção foi 29,4%, 23,5% pediram para que o agressor parasse, 11,8% pediu ajuda a algum funcionário da instituição, 11,8% chorou e 23,5% defenderam-se da mesma forma que o agressor.

As meninas que não deram atenção, bem como, as que pediram ao agressor que parasse correspondem a 30%, 20% refere-se as alunas que pediram ajuda a algum funcionário da escola e as que defenderam-se totalizando 40%. Nenhuma menina respondeu ter chorado durante o momento em que, de alguma forma, era agredida.

A agressão entre os pares, segundo BANDEIRA (2009) não deve ser tratada como parte do desenvolvimento social, pois o *bullying* é um problema sério e traz grandes consequências aos envolvidos. OLWEUS (1999) afirma que as vítimas, quando sentem-se atacadas normalmente reagem chorando (em idades mais baixas) e afastando-se dos demais alunos. Conforme COSTA & VALLE (1998) as vítimas apresentam atitudes e comportamentos não agressivos, e geralmente, são contra estratégias violentas.

Durante a conversa informal, os alunos demonstraram um sentimento de raiva quando se lembravam do acontecido, principalmente quando a agressão ocorreu perante outros alunos, onde as vítimas sentiram-se intimidados e envergonhados. Estes alunos relataram que, em alguns casos, a escola tornou-se um local que possibilitaria novos ocorrentes deste fenômeno, bem como, as vítimas deparavam-se com o agressor em algum momento na área da escola. Esta situação prejudica a aprendizagem cognitiva de alguns dos alunos vítimas deste fenômeno, pois a preocupação com o constrangimento que poderiam sofrer novamente interrompia a concentração em sala de aula.

Em geral as vítimas de tal forma de violência ficam amedrontadas apresentando baixa auto-estima podendo ser acarretados prejuízos no âmbito escolar, como: baixo rendimento escolar e déficit de aprendizagem e falta de

concentração (BINSFELD & LISBOA, 2010). Corroborando com a presente pesquisa, CARVALHOSA *et al* (2001) relatam que as consequências do *bullying* refletem no desenvolvimento mental da vítima.

FEKKES *et al* (2006), BOTELHO & SOUZA (2007) estudaram a relação entre a vitimização e os sintomas de saúde num grupo de crianças com idades entre 9 e 11 anos. Os resultados indicaram que as crianças que são frequentemente vitimizadas no início do ano escolar possuem um maior risco de desenvolver novos sintomas durante o ano letivo.

CONCLUSÃO

Diante de tais fatos pode-se verificar que o fenômeno *bullying* ocorre em maior proporção entre os meninos. Os apelidos constrangedores é a forma mais frequente entre os alunos e alunas, e a sala de aula é o local com maior número de ocorrência deste fenômeno. Local este que possibilita prejuízos referentes à concentração dos alunos durante as aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL NETO, A. *Bullying* – Comportamento Agressivo entre Estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n.5, p. 164-172, 2005.

BANDEIRA, C. M. **Bullying**: Autoestima e diferenças de gêneros. 69 f. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do *bullying* na autoestima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BELL, D. J.; FOSTER, S. L.; MASH, E. J. Understanding behavioral and emotions problems in girl. In: BELL, D.J.; FOSTER, S. I.; MASH, E. J. (Orgs.). **Handbook of behavioral and emotions problems en girl**. New York: Plenum Publishers, p. 1-21, 2005.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, v. 27, p. 90-126, 2007.

BINSFELD, A. R.; LISBOA, C. S. M. *Bullying*: um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar. **Interpersona** v. 4, n.1, p. 74-105, 2010.

BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. *Bullying* e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, v. 139, p. 58-70, 2007.

CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 183 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontífca Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

CARVALHOSA, S. ; LIMA, L. & MATOS, M. Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, v. 4, n.19, p. 523-537, 2001.

COSTA, M.; VALE, D. **A Violência nas Escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional,1998.

CRAIG, W.; HAREL, Y. **Bullying and fighting**. World Health International Report. World Health Organization, 2004.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno bullying**. São Paulo: Versus, 2005.

FARRINGTON, D.P. Understanding and preventing *bullying*. In: M. TONRY (ed.), **Crime and justice**. Chicago, The University of Chicago Press, p. 381-459, 1993 .

FEKKES, M.; PIJPERS, F. I. M.; FREDRIKS, A. M.; VOGELS, T. & VERLOOVE-VANHORICK, S. P. Do bullied children get ill, or do ill children get bullied? A prospective cohort study on the relationship between bullying and health-related symptoms. **Pediatrics**, v.5, p. 1568–1574, 2006.

FERRAZ, S. F. S. **Comportamentos de Bullying**: Estudo numa Escola Técnico-profissional. 2008. 65f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Forense) - Instituto Nacional de Medicina Legal – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Coimbra, 2008.

FLORES JUNIOR, R. G. **O que é uma pesquisa por amostragem?**. Rio de Janeiro: IBGE,1980

FONTAINE, R.; RÉVEILLÈRE, C. Le *bullying* (ou victimisation) en milieu scolaire: description, retentissement vulnérabilisants et psychopathologiques. **Annales Médico Psychologiques**, v. 162, p. 588-594, 2004.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um Estudo sobre *Bullying* entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 200-207. 2009.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; ZANELA, A. C.; MOSCAROLA, J. Método de pesquisa *survey*. **Tecnologia e conhecimento para decisão**. Canoas, RS, p. 1-11, 1993.

GINI, G.; POZZOLI, T. The role of masculinity in children's *bullying*. **Sex Roles**, v. 54, p. 5585-588, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320020>>. Acesso em 28 de set. de 2012.

LIANG, H.; FLISHER, A. J.; LOMBARDC. J. *Bullying*, violence, and risk behavior in South African school students. **Child Abuse & Neglect**, v. 31, p. 161-171, 2007.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H. Interações na escola e processos de aprendizagem: fatores de risco e proteção. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Eds.), **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. Petrópolis, Brasil: Vozes, p. 201-224, 2004.

LISBOA, C.; KOLLER, S. H.; RIBAS, F.F; BITENCOURT, K.; OLIVEIRA, L.; PORCIUNCULA, L. P.; DE MARCHI, R. B. Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 15, p. 345-362, 2002.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81 n. 5, p. 164-172, 2005.

LOPES NETO, A. A; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying** - programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. **Bullying** – Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2002), 2007.

NANSEL, T.R.; OVERPECK, M.D.; HAYNIE, D.L.; RUAN, W.J.; SCHEIDT, P.C. Relationships between bullying and violence among US youth. **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**, v. 157, p. 348-353, 2003.

OBSERVATÓRIO DA INFÂNCIA. **Cartilha sobre o bullying**. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-197.pdf>>. Acesso em: 01 out. de 2012.

OLWEUS, D. **Bullying at school. What we know and what we cando**. Oxford, UK: Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 35, p. 1171-1190, 1994.

OLWEUS, D. Sweden. In: SMITH, P. K.; Y. MORITA, J. J.T.; OLWEUS, R. CATALANO.; Slee, P. (eds.) **The Nature of School Bullying** – A cross-national perspective. London and New York: Routledge, p. 7- 27, 1999.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto, Portugal: Imprensa Portuguesa, 2002.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

Ramírez, F. **Conduitas agressivas na idade escolar**. Amadora: McGraw Hill. 2001.

ROLIM, M. **Bullying**: o pesadelo escolar, um estudo de caso e notas sobre o que fazer. 174 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RUBLE, D.; MARTINS, C. L. Gender development. In: DAMON, W.; LERNER, R; Eisenberg, N. (Eds.), **Handbooks of child Psychology**: Social, emotional, and personality development , 3 ed. p.933-1016, New York: J. Wiley, 1998.

SANSONE, R. A.; SANSONE, L. A. **Bullying** victims: Psychological and somatic aftermaths. **Psychiatry**, v. 6, p. 62-64, 2008.

SMITH, P. K. Intimidação por colegas e maneiras de evita-la. In: DEARBIEUX, É.; BLAYA, C. (Org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002.

SOUZA, C. P; ALMEIDA, L. C. P. **Bullying** em ambiente escolar. In: **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 7, n. 12, p. 179 - 190, 2011.

SPRIGGS, A.L.; IANNOTTI, R.J.; NANSEL, T.R.; HAYNIE, D.L. Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations:

Commonalities and differences across race/ethnicity. **Journal of Adolescent Health**, v. 41, p. 283-293, 2007.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez: autores associados, 1988.